

Editorial

Em cada editorial que escrevemos desta publicação periódica, mesmo que a sua edição se tenha deixado de fazer em papel, sentimos que se concretiza mais um esforço para a implementação da investigação universitária no campo das Artes Decorativas em Portugal. E temos em mente que estes domínios em que a revista se move constituem um oceano fértil de temáticas, sempre carente de mais e melhor elaborada investigação, que relacione a observação das peças com a pesquisa arquivística, que entrelace a realidade portuguesa com as influências internacionais e, no específico do projecto de investigação do CITAR, fortaleça a ponte, evidentemente necessária, entre as artes decorativas portuguesas e as brasileiras, processo que se prolongou, em algumas áreas, até ao século XX.

Nos últimos tempos, procurámos aliar a investigação com a organização de congressos científicos internacionais (II Congresso Ibero-americano de História do Mobiliário, em Setembro de 2018, e o IV Congress on European Jewellery, em Novembro de 2018), que permitam afirmar a centralidade de diversas temáticas das artes decorativas, designadamente o mobiliário e a joalheria. Outras continuam particularmente carentes de investigação, como os têxteis – nas suas múltiplas vertentes e períodos históricos –, tema tão vasto e em simultâneo tão ausente, em geral, de pesquisas nas suas várias subdivisões. Por isso nos pareceu particularmente relevante que este número da revista possua, directa ou indirectamente, artigos nesta área temática, uns de referência, leitura e análise de fontes de índole mais histórica, outro mais aplicado ao estudo da paramentaria.

Procurámos, ao longo da coordenação de mestrados e doutoramentos da Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa – tanto de Artes Decorativas como de Estudos do Património –, que houvesse um maior número de trabalhos de investigação em Artes Decorativas, alguns passíveis de dar à estampa também entre as páginas desta publicação periódica. Alguns estudos doutorais chegaram a iniciar-se, mas nunca, infelizmente, terminaram, como sucedeu na área do traje (e acessórios), campo tão especialmente rico e fértil de fontes de diversa natureza, mas tão ausente de pesquisas mais aprofundadas, que entrelacem as materializações portuguesas e as matrizes internacionais que as influenciaram.

A ponte para o Brasil é um imperativo das investigações em Portugal na área das Artes Decorativas. Assim o indicam os estudos até hoje levados

a cabo e que tiveram a preocupação de cruzar informações de ambos os lados do Atlântico. Também o pudemos comprovar nas pesquisas que encetámos em diversas instituições museológicas, em igrejas, em casas particulares e em arquivos brasileiros. Por vezes, surgem elementos de uma riqueza surpreendente, tanto em termos materiais como das fontes manuscritas, um universo que urge explorar com uma capacidade de adaptação e de leitura das singularizações observadas.

Este número 7 da *Revista de Artes Decorativas* é iniciado com um estudo de Joaquim Caetano que aborda a relevância da pintura a fresco enquanto elemento decorativo de numerosas igrejas nos séculos XV e XVI, em Portugal. Recorrendo a exemplos tomados de diversos templos situados em várias regiões do país, o texto do autor permite-nos observar os elementos ornamentais utilizados, que vão de representações iconográficas cristãs até elementos heráldicos, de motivos fitomórficos até outros de cariz geometrizante.

Segue-se um estudo assinado por Joana Lencart referente aos objectos ofertados pelo rei D. Manuel I às igrejas da Ordem de Cristo, que muito vieram a enriquecer os respectivos acervos. Estas peças vão desde têxteis, em que se destacam os veludos e os damascos, às alfaias em metais preciosos, valorizando a dignidade dos ofícios litúrgicos e reforçando a ligação do soberano a esta ordem. Entre os templos que foram alvo dessas distinções encontra-se, com natural primazia, o convento de Tomar, seguindo-se as igrejas de Soure. Ao todo, diversas centenas de exemplares foram ofertados pelo *Venturoso*, segundo a tabela publicada pela autora.

Isabel Drumond Braga oferece-nos um texto relativo a aspectos vivenciais de um grupo especialmente significativo nas urbes portuguesas entre as centúrias de Quinhentos e Setecentos, os artesãos têxteis, com especial relação com o vestuário e o uso doméstico. Partindo de fontes relacionadas com o Tribunal do Santo Ofício, a investigadora e professora da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa contribui com novos e significativos elementos para o conhecimento de certos ofícios, nomeadamente dos tecelões de sedas, veludos ou toalhas, respeitantes a várias localidades do país, com total hegemonia das regiões do interior.

Com o texto de Rita Carlos temos ocasião de compreender de um modo documentalmente preciso, a partir de uma diversidade de fontes, informações sobre lojas dos ourives da prata na Rua dos Ourives da Prata e na Rua Bela da Rainha, na segunda metade de Setecentos, com a menção a múltiplos elementos sobre quem nelas exercia o seu ofício. Esta especialista na ourivesaria da prata lisboeta do período em questão

traz informações muito interessantes sobre o interior de algumas oficinas, em termos do mobiliário e dos instrumentos nelas existentes, baseada em alguns inventários orfanológicos existentes.

Ficamos a dever a António Cota Fevereiro novos contributos para o conhecimento da *Sala de Mármore* do palácio da Ajuda, em Lisboa, com a análise do mobiliário e da iluminação escolhidos para esta divisão. O estudo deste autor ressalta a influência da natureza no interior das habitações, que esta renovação de D. Luís e de D. Maria Pia exalta com especial cuidado, e que poderá ter sido influenciada pela *Maison pompéienne* e pelo palacete da princesa Mathilde Bonaparte, ambos na capital francesa.

Já o artigo de Maria João Mota apresenta a evolução do acervo têxtil do Museu de Aveiro, nos 106 anos da existência desta instituição museológica. Com origem nos espólios das instituições religiosas nacionalizadas em 1834, este núcleo é de uma grande riqueza tipológica, material e de execução, sendo o respectivo percurso traçado pela sua conservadora, designadamente as exposições que algumas das peças integraram, bem como diversas acções de conservação nelas executadas ao longo deste período dos séculos XX e XXI, atravessando as diversas direcções do museu.

Finaliza os artigos deste nº 7 da *Revista de Artes Decorativas* a análise que Marize Malta, professora da Faculdade de Belas-Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro e importante impulsionadora dos estudos sobre Artes Decorativas no Brasil, estabelece sobre o que significou decorar no século XIX, neste país da América do Sul. Trata-se de uma reflexão em torno de diversas acepções deste conceito, tanto em dicionários e enciclopédias, como também no mundo das Letras, que tiveram uma importância real na interpretação da constituição e recheio dos interiores, na respectiva adaptação e enriquecimento, na centúria de Oitocentos, com um destaque dado à figura de Luís Gonzaga Duque.

A encerrar a revista, uma lista das publicações que, ao longo dos anos, o CITAR foi dando à estampa neste domínio, bem como das dissertações de mestrado e das teses de doutoramento defendidas, para além de eventos científicos organizados por este centro de investigação no âmbito das Artes Decorativas, designadamente do mobiliário e da ourivesaria.

Porto, 15 de Dezembro de 2018

Gonçalo de Vasconcelos e Sousa
Director